GÓMES DE BRITO

A BATALHA

A BATALHA

> Não é este edificio obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: *não seremos servos do estrangeiro!*
>
> A. HERCULANO,—*A Abobada.*

Memoria dirigida ao Sr. Conselheiro

Emygdio Julio Navarro

Digno Ministro das Obras Publicas

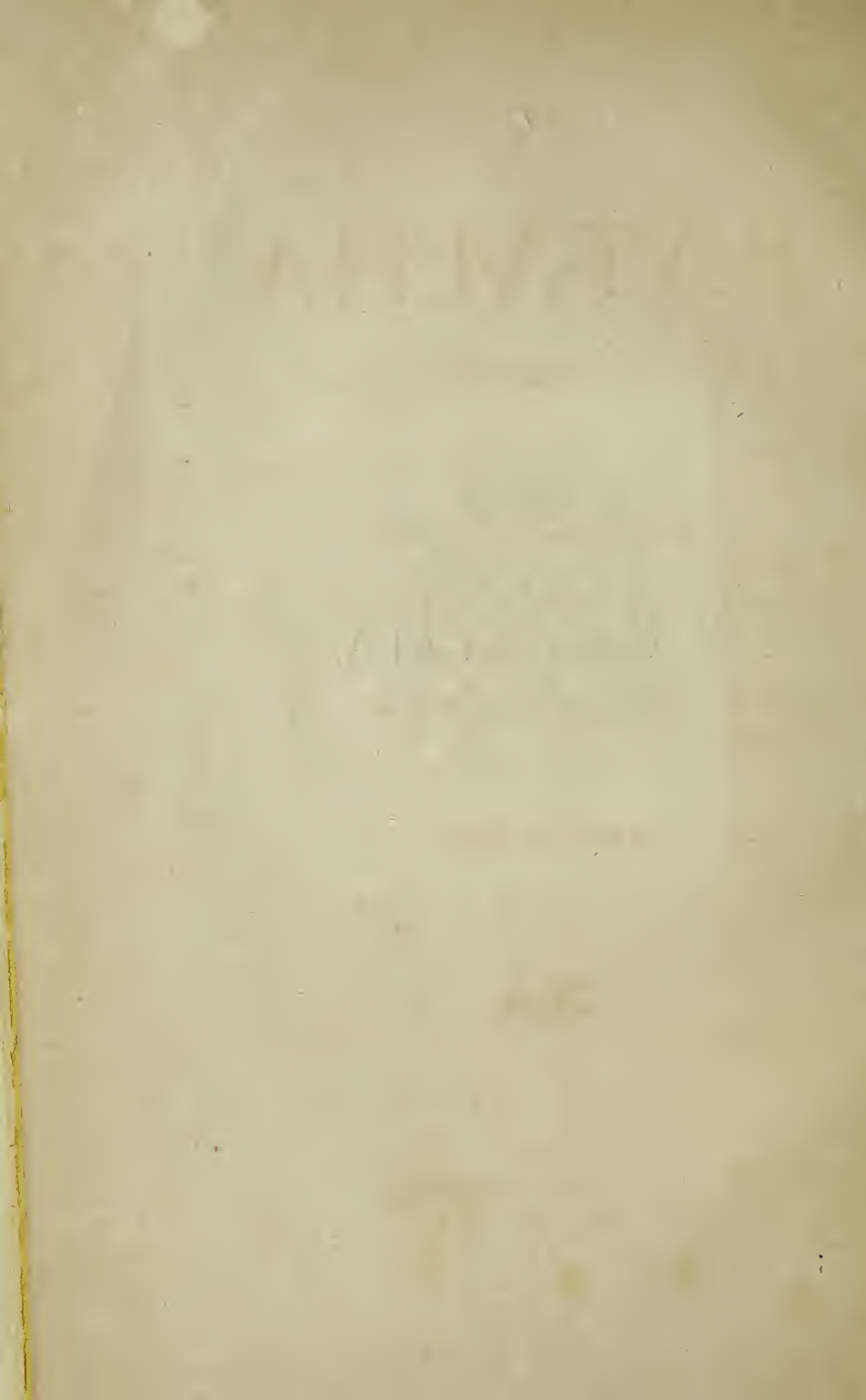
Seguida de uma noticia ácerca do estado d'este Monumento em 1876

POR

UM PORTUGUEZ OBSCURO

LISBOA
TYP. DO COMMERCIO DE PORTUGAL
41 — Rua Ivens — 41

1887

A BATALHA

A
BATALHA

> Não é este edificio obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: *não seremos servos do estrangeiro!*
>
> A. HERCULANO,—*A Abobada.*

Memoria dirigida ao Sr. Conselheiro

Emygdio Julio Navarro

Digno Ministro das Obras Publicas

Seguida de uma noticia ácerca do estado d'este Monumento em 1873

POR

UM PORTUGUEZ OBSCURO

LISBOA
TYP. DO COMMERCIO DE PORTUGAL
41 — Rua Ivens — 41

1887

Não é este edificio obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse : *não seremos servos do estrangeiro!*

A. HERCULANO,—*A Abobada.*

I

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*

LEIO em um resumido extracto das sessões parlamentares, publicado por uma folha da capital, que um homem de coração e de talento, dois predicados que já não é facil encontrar hoje em dia reunidos em um mesmo individuo, tal é j'agora o geral desvaire, um deputado da nação, conjurou a v. ex.ª os dias passados, no seio do parlamento, a que se servisse pôr os olhos da sua previdencia vigilante na triste condição a que se vão deixando reduzir os monumentos nacionaes.

Limitado no engenho, mas d'isso—mercê de Deus—plenamente consciente, não me foi até agora, como o não será, assim o creio, permittido nunca aspirar a ter voz ahi, onde, se tantos homens de talento e de genio teem ido levar o seu concurso valioso á causa do bem publico, tantos outros vão provar quanto o *nosce te ipsum,* do velho philosopho, andou sempre mal avindo com o siso e a prudencia.

Privado assim da probabilidade de poder renovar um dia n'esse recinto respeitavel perante os poderes publicos da nação o pedido que o talentoso deputado por Vizeu, perante v. ex.ª e a camara acaba de formular, augmentando assim a phalange, bem pouco compacta, ai de mim! d'esses sonhadores generosos, extraviados de mais sinceros e mais amoraveis tempos pelas coisas da sua terra, acolho-me, ex.^{mo} sr., na plena confiança de um anonymo que não significa menos respeito, antes o cata, como o devo, á pessoa de v. ex.ª, a este recurso publico, onde a um homem livre é permittido fallar a outro. Não menos respeitavel, não menos exigente, não menos augusta, como é esta tribuna, sem sombras de pretenciosa audacia, por isso que anonyma fica sendo a mão que estas linhas escreve, venho, ex.^{mo} sr., accrescentar, d'aqui fallando a v. ex.ª, ao pedido a v. ex.ª feito em pleno parlamento um outro, ao mesmo fim conducente.

Sem a mais remota idéa de faltar á consideração que devo á pessoa de v. ex.ª e ás altas funcções do cargo que v. ex.ª tem tão singularmente honrado, antes, porém, só movido por um sentimento que poucos como v. ex.ª estarão, por estes dias tristes que vão correndo, tanto no caso de julgar; persuadido, além de tudo, que interpreto o sentir de compatriotas nossos que ainda conservem no intimo o sacro amor das coisas patrias, ouso, ex.^{mo} sr., vir hoje accrescentar ao pedido a v. ex.ª feito pelo digno deputado o sr. Augusto Fuschini, o pedido de uma coisa aliás entre nós bem commum;—ouso vir hoje pedir especialmente a v. ex.ª *um inquerito:* —um inquerito sobre o actual estado de conservação do templo de Santa Maria da Victoria, e das mais dependencias d'elle, cujo conjuncto é conhecido no mundo pela distincta designação de MOSTEIRO DA BATALHA.

II

Visitei a BATALHA ha onze annos completos.

Se da minha visita ao venerando monumento não trouxe satisfactorias impressões, quanto á ordem que se havia seguido no executar das duas especies de conservação a que alli se procede—restauros e substituições,—não deixei de dar publico testemunho da perfeição com que se executavam os trabalhos, como tambem me não furtei a patentear o mau effeito que, a meu juizo humilde, produzia o systema porque estavam sendo levados a cabo.

E' possivel que, em todo o lapso de tempo decorrido apoz essa minha visita até agora, alguns dos motivos da minha critica de então os tenha feito desapparecer o artista que desde longo tempo dirigia ás obras, e que já não pertence ao numero dos vivos. A mui conceituosa noticia, porém, que em fins de 1883, creio, publicou o illustrado jornalista, o sr. Eduardo Coelho, na popularissima folha de que é proprietario, me dá a entender que, relativamente, ha pouco tempo ainda, os meus reparos de ha onze annos não haviam deixado de ter sua razão de ser.

O inquerito, pois, que eu ouso hoje pedir a v. ex.ª, deve ter por fim o averiguar do estado geral de conservação do edificio de que se trata, como elemento que habilite as estações competentes a resolver qual deva ser d'ora ávante o plano e ordem dos restauros a executar. Não deve esquecer-se egualmente o estudar o modo de impedir que as Capellas ditas *Imperfeitas* de todo degenerem em ruinas, quer se adoptem os planos de Murphy, quer se modifiquem, quer, finalmente, se emprehenda um fecho riscado por architecto portuguez que mostre ter entendido o que alli lhe cumpre fazer. Ainda creio, ex.^mo^ sr., apezar de todo o descredito com que a *modestia* nacional não cessa de *favorecer* os artistas portuguezes, que haverá meio de não nos arriscarmos a que se realisem em pleno seculo XIX os motivos d'esse episodio nunca assás admirado, que um por-

tuguez da tempera de Affonso Domingues ideiou, e que se chama *A Abobada*.

O que, porém, cumpriria antes de mais nada, seria acudir a uma vergonha immensa, que o inquerito que a v. ex.ª peço não haveria de deixar certamente de mencionar primeiro que tudo, e logo que passasse da consideração do estado geral do Monumento ao exame de cada uma das suas partes.

Refiro-me ao lastimoso estado em que se acham a Capella e o tumulo do Inclito Fundador. A natureza começara a obra de destruição, anniquillando a esvelta agulha que exteriormente coroava a Capella. Os francezes entraram com o mausoleo. São horrorosas as mutilações de que o leito funerario de D. João I se tornou victima. Escandalisariam ellas por tal fórma o sentimento nacional em qualquer outro povo, que certo se teria por incrivel não lembrar a ninguem o promover incessantemente para que similhante vandalismo tivesse prompto remedio.

Mas, ex.mo sr., além das vantagens praticas que se me afigura deverem advir para o proseguimento das obras do Monumento da Batalha, e que, uma vez activadas, não devem soffrer interrupção, a que o inquerito que ouso pedir dará motivo, d'elle derivará tambem que todos nós, os compatriotas do Mestre de Aviz, mais ou menos scientes e conscientes d'esse facto, ficaremos habilitados, se v. ex.ª se servir mandar que se dê a esse documento a publicidade a que decerto já tem direito, a saber qual é realmente o estado verdadeiro em que se acha hoje o grandioso monumento fundado pelo heroe de Aljubarrota, desde que em 1840 se começou a olhar pela sua conservação.

A Batalha ha de ser sempre o mais glorioso e o mais significativo dos nossos monumentos.

Ainda quando consideremos a sua importancia architectonica sob a salutar influencia de uma judiciosa modestia, e convenhâmos rasoavelmente com o conde de Raczinski que seria exaggerado o suppôr este edificio o mais bello specimen da architectura gothica existente, nem por isso a Batalha, sob esse ponto de vista, deixará nunca de ser o que aquelle competentissimo juiz a declarou:—«um dos restos mais interessantes

«e até dos mais seductores da pura architectura go-
«thica.»

Se, porém, a Batalha, comparada com as formosas cathedraes de Strasburgo ou de Colonia, de Reims ou de Amiens, de York ou de Toledo, não póde ter-se por unica representante da bella arte medieval, e, mais modesta em proporções, deva ceder a primasia em grandeza ás duas primeiras nomeadamente, para nós outros, que a possuimos, a Batalha, tivesse ella apenas as modestas dimensões da exigua ermida, onde é tradição haver recebido o baptismo o primeiro rei de Portugal; a Batalha, considerada antes um symbolo, do que uma obra de arte, deveria de andar sempre na lista dos nossos maiores disvélos, e pertencer ao numero dos nossos mais amoraveis cuidados;—a Batalha deveria, emfim, ser por todos nós conservada e mantida como conviria que o fosse o palladio augusto da independencia nacional.

Carecerei eu, porventura, ex.^{mo} sr., de justificar esta affirmativa perante os sentimentos proprios de v. ex.^{a}? Como eu, muito melhor do que eu, sabe v. ex.^{a} quanto o Convento da Batalha representa para Portugal a condensação da maior gloria que póde aureolar a fronte de uma nação;—a que resume na mais aprimorada manifestação da Arte independente e livre a suprema aspiração de um povo:—*ser livre! ser independente!*

Assim, porém, como esse monumento venerando anda tratado, o desamor que accusa, essa atmosphera de desleixo que o envolve, só arguem um facto mais grave e mais desconsolador, do que a simples propensão de um povo para assignar carta de naturalisação ao vandalismo. A Batalha, assim descurada, é a affirmação mais positiva que se possa imaginar do contrario de tudo quanto esse glorioso Monumento representa para a nação portugueza;—tradições salutares da sua edade viril, amor da independencia, fé, emfim, na propria força.

III

E tal foi, ex.^mo sr., a desoladora impressão com que ha onze annos regressei da minha visita ao sagrado Monumento. Havendo ahi penetrado, accesa a imaginação á vívida chamma d'essas paginas em que a uncção do asceta tão maravilhosamente se allia ao enthusiasmo do patriota; havendo entrado na BATALHA com as descripções de Fr. Luiz de Sousa gravadas na mente, e—porque não dizel-o?—no coração tambem, sahi de lá triste e mal contente.

O soldado da milicia do seculo, resolvendo ir morrer alistado na milicia de Christo, levára para as solidões do claustro todos os ardores e energias de uma alma de poeta, todo o amoravel perfume de uma paixão condemnada a consumir-se na penumbra do sanctuario, aos pés d'Aquelle, cujo só misericordioso affecto podia comprehender tamanha dôr e tanta abnegação. Pondo a Arte, pondo a Poesia ao serviço da Religião, esse grande eleito de Deus realisou a obra meritoria com que já cá da terra conquistára por certo o seu logar no sólio da Bemaventurança.— O chronista da BATALHA, alliando a Religião á Poesia, deu a essa associação mirifica por esteio a propria Fé, e tornando assim inseparaveis d'ella as mais legitimas aspirações humanas, precaveu o futuro contra o perigo de querer ser grande sem ter crenças.

Na BATALHA, como eu a vi, nem o culto da Arte, nem o da Religião se entendiam entre si, e quando intentei trasladar para o livro de pedra, n'elle imbutindo-as em mente, as paginas do livro escripto, achei que á trasladação succedia o que acontece, quando a lamina onde o mordente não penetrou por egual, nos dá uma estampa estragada pelas falhas do buril.

Alli, ex.^mo sr., nem o culto da Religião nem o da Arte andam de ha muito condignos com a magestade do grande Monumento. Nem um nem outro poderam manter sob aquellas venerandas abobadas o seu vivificador prestigio, é evidente.—Porque? Porque tanto á

Arte como á propria Religião faltou o esteio que uma e outra deveriam ter na consciencia nacional. Porque lhes falleceu o sentimento da tradição, que alenta a alma dos povos, e perpetua atravez gerações sem fim a solidariedade do passado com o presente. Porque lhes não acudiu, em summa, o salutar influxo da hombridade politica, que em qualquer nação torna consocias com as legitimas aspirações do seu progresso a existencia e a conservação dos monumentos em que reviva a sacrosanta religião de seus maiores e a manifestação grandiosa da esthetica nacional.

Reduzida, pois, a Religião a miseraveis exterioridades sem significação, anniquilada a Arte, roto de todo o laço que a uma e a outra as ligava a um passado em que a cruz do missionario, symbolo ella mesma da Liberdade, andára sempre a par da espada do guerreiro-argonauta, é porventura possivel, ex.^{mo} sr., contar com a Fé?

Eis o que foi causa da nossa perdição. Eis o que fez tambem que o convento de Santa Maria da Victoria, hoje pouco menos que abandonado, seja ainda hoje, e por um fatal capricho do destino, o mais fiel attestado da nossa decadencia, como em priscas eras houvera sido o mais perfeito exemplar da nossa gloriosa virilidade, o mais levantado caracteristico da individualidade portugueza, e da sua nobre independencia.

Esta asserção, ex.^{mo} sr., carece de ser demonstrada. Nada me custa fazel-o; custa-me, sim, ter que enfadar a v. ex.^{a} com digressões que se poderiam suppôr alheias ao fim principal d'esta Memoria, se não fosse mister provocar-lhes um desmentido. Assim como a Justiça não deixa que se enterre um homem cuja morte foi suspeita de violencia, sem averiguar dos fundamentos d'essa suspeita, no intuito de alcançar o assassino, se o houve, e o castigar, para desaffronta da sociedade e satisfação de si propria; assim tambem se não deve permittir que uma nação entregue a um miseravel olvido o seu primeiro Monumento, ultrajado já dos tempos, mais ultrajado ainda pelos homens,—e demais a mais estrangeiros,—sem que se averigue de onde tanto desamor provenha, qual seja a causa de tão descaroavel indifferença. As nações que assim procedem estão condemna-

das a morte affrontosa; perderam o direito a ter uma individualidade na Historia.—E' preciso, ex.^{mo} sr., saber se esta sentença ha de ter applicação a Portugal.

Examinemos, pois, os factos.

IV

Até á execranda invasão de que a França teve o cuidado de nos deixar perduraveis testemunhos nas mutilações sem conto com que os seus soldados condemnaram a BATALHA a um futuro de parches e remendos; até essa assoladora invasão, de que a França por ahi nos deixou tão indeleveis quanto lastimosas memorias, porventura receiosa de que um dia acaso os seus historiadores podessem ter a generosidade de a não lembrar ás nossas dôres adormecidas, o MOSTEIRO DA BATALHA representava apenas uma cousa santa.—«O rei mais nobre e mais portuguez da nossa historia» fizera ahi lavrar em pedra o mais solemne protesto que homens livres poderiam levantar contra qualquer especie de servidão, viesse ella de onde viesse, fosse qual fosse a sua natureza.

Perto do terreno que os ossos dos francezes, esmagados d'envolta com os castelhanos pelos cavalleiros do Mestre d'Aviz, contribuiram para calcinar com larga parte, elevara D. João I o sagrado monumento da independencia patria. Quatro seculos decorridos, porém, vinham ahi as coronhas das espingardas de um exercito invasor imprimir nas feições rugosas do venerando edificio o indelevel ferrete das ultimas affrontas. Ao longo das suas magestosas naves, convertidas em um immenso estabulo, repercutiu o escarvar estridente das ferraduras da cavallaria invasora. A soldadesca desenfreada tornou presa d'impias profanações as sepulturas d'aquelles que nem a propria marmorea effigie podiam já defender das suas derisões boçaes, e emquanto a cohorte vandalica imprimia n'essas vetustas pedras o stygma da sua

estupida brutalidade, os seus chefes exerciam nos thesouros do Convento aquelle direito singularmente ironico que amalgâma a gloria do conquistador e a abjecção do rapinante em um mesmo molde; — o da tuba que leva á posteridade a memoria das façanhas practicadas pelos heroes d'envolta com a conta das vezes que se lhes sujaram as mãos!...

Francez era esse exercito; francezes os seus chefes. Napoleão o enviára; Napoleão, gloria da França, emquanto não chegava a hora de ser a sua mais deploravel humilhação! Deus mandára Attila ao mundo, Napoleão começara por enviar Junot a Portugal. E' certo que o barbaro foi cognominado o *flagéllo de Deus*, mas Junot não era elle porventura o *Anjo da Victoria?* Junot, porém, não bastou; veiu Soult, aquelle mesmo chefe que os seus proprios soldados repelliram por delapidador. Veiu, emfim, Massena, que, mais que *Anjo da Victoria*, era o seu proprio *Filho querido*. Os actos de vandalismo practicados na BATALHA pelos soldados do fastoso principe d'Essling estavam destinados a fornecer no futuro materia para mais uma pagina na grande epopéa napoleonica. O homem cujo nobre patriotismo tão cruelmente havia de pagar depois os excessos do seu enthusiasmo pelos feitos de um heroe duas vezes fatal á França, comprasendo-se em tecer das nossas miserias boa parte dos louros tão prodigamente distribuidos a esse exercito, que servia a fortuna de um aventureiro, não a gloria, por certo, da sua nação (*), mal se poderia lembrar, ao escrever essas paginas que hão de ser a vergonha eterna da França, jámais os seus titulos á sympathia dos opprimidos, que Waterlôo havia de ter um dia em Sédan a mais deploravel de todas as caricaturas!

Froissart, ao menos, fôra bem mais feliz.

Em vez de uma realeza que fugia vergonhosamente deante de um punhado de famintos e rotos soldados, o velho chronista francez, vira-se em Aljubarrota deante

(*) Leia-se o que o proprio M. Thiers escreveu na sua *Historia do Imperio,* Ed. Lheureux Edit. vol. II, pag. 275.

de um rei «que fazia prodigios de valor, e que derru-
«bando tres ou quatro dos seus principaes adversarios,
«incutia o temor em todos os outros.» (*) A Historia, ex.mo sr., tem d'estas compensações.—Feliz do historiador a quem a Providencia permitte que as possa pôr em relevo!

Quatrocentos annos após os factos que este francez testemunhou, e de que deixou, porque duvida não restasse á posteridade, a memoria escripta, outros francezes vieram ahi assignalar n'essas pedras venerandas os indeleveis signaes de uma vingança posthuma.—A França, sempre generosa, condecorou o esforço dos vencedores de Aljubarrota com as veneras do martyrio.

Permittir-me-hei agora, ex.mo sr., uma pergunta só.—A Portugal que cumpria fazer para agradecer a mercê?—Curvar-se, é evidente, curvar-se em interminaveis veniagas á tyrannia da *civilisação* franceza, deixando para todo o sempre expostos á admiração de nacionaes e de estrangeiros os crachás que ella pendurou com farta liberalidade no interior d'esse monumento pelos feixes das suas columnas e pelos frisos das suas sepulturas!

Creio que v. ex.a, assim como eu, assim como toda a gente que tenha a noção das coisas delicadas, não conhece meio mais significativo, mais eloquente, até, de honrar as provas de consideração com que nos distingue a generosidade dos nossos amigos, do que conservando-as cuidadosa e persistentemente.—Eis o que na BATALHA se tem feito com escrupuloso esmero. V. ex.a está no caso de apreciar. Desde 1840 que o Convento da Batalha anda officialmente declarado «*monumento nacional.*» N'este mesmo anno começaram os trabalhos de reparação e restauração do edificio sob a

(*) «La descendit le roi de Portugal à pied et prit sa hache et s'en vint sur le pas et y fit merveilles d'armes et en abattit trois ou quatre des plus notables, tant que tous le resoingnoient (craignaient); et ne laissèrent approcher ses gens leurs ennemis, ni aussi si y osoient approcher pour la doubtance (crainte) des grands horions que le roi leur donnoit et délivroit à tous lez (côtès).»
Em BUCHON, Chron. Franc. Collec. Froissart, T. IX, pag. 419.

direcção do malaventurado Mousinho d'Albuquerque, sendo custeadas as obras por uma verba especial de dois contos de réis annuaes, para tal fim votada em côrtes. O illustre engenheiro deixou o encargo em 1843. —Pois, ex.[mo] sr., depois d'isso até agora ainda não houve ahi meio de reparar as ultrajosas mutilações do tumulo de D. João I, do homem que mais contribuiu para que Portugal não fosse para sempre, talvez, riscado do numero das nações no ultimo quartel do decimo quarto seculo!

V

A partir, pois, da invasão franceza, o MOSTEIRO DA BATALHA, o monumento recordador de que perante a vontade da Providencia todo o valor, todo o esforço são eguaes, porque os nivella a implacavel, sinistra fouce, foi-se convertendo no testemunho antecipado da subserviencia fatal que havia de arrastar um dia os compatriotas do Grande Condestavel e do Mestre de Aviz a sacrificar ao tyrannico influxo de uma civilisação corrupta o sentimento nacional, desamparado dos laços que o deveriam prender ao culto das tradições patrias e ao respeito de seus antepassados.

Aos olhos dos que attentamente estudam os destinos assignados a cada povo, a simples manifestação de um facto, apparentemente sem significação, v. ex.[a] bem o sabe, póde adquirir um valor bem mais elevado, póde attingir um alcance bem mais significativo e profundo. A philosophia dos acontecimentos imbebe de ordinario, e com a logica mais natural, as suas raizes em um terreno onde bem poucas vezes se supporia o germen revelador do mais simples phenomeno social. Assim, a BATALHA, com todas as injurias que sobre a fronte adusta lhe cuspiram os naturaes d'essa nação que no mundo alardêa maior sentimento da civilisação, mais arrebatador enthusiasmo pelo progresso, quasi tão es-

crupulosamente conservadas por nós a setenta e tantos annos de distancia, como teriam sido rapidamente reparadas no paiz d'aquelles que as commetteram; a BATALHA abandonada á fatal indifferença de tudo o que possuimos que represente memorias, tradições gloriosas e heroicas de um passado que era a nossa força, o nosso estimulo, a nossa redempção, — parece até um paradoxo de máo gosto, bem o vejo, — a BATALHA, tal qual eu a lastimei ha onze annos, ex.^{mo} sr., e tal qual estará pouco mais ou menos, ainda agora, no caso de merecel-o, tornou-se uma cousa logica, simples; tornou-se um facto natural...

Quando nós levavamos a fé na nossa independencia politica, e por conseguinte na justiça da nossa causa, até á temeridade, construiamos a BATALHA, apoz nos termos a nós mesmos provado que a nossa fé tinha razão de ser; isto é rematavamos com um prodigio de arte um prodigio de audacia e de valor. Quando nós decidimos trocar a mesquinha originalidade da nossa obscura vida politica pelos apparatosos modelos de uma administração alheia, transmudámos as velhas manifestações do poder politico n'outras que só tiveram de novo a mudança nas attribuições d'esse poder, sem que a móla real do systema — a centralisação — fosse alterada. Quando, emfim, resolvemos por mais expedito accommodar o Codigo Napoleão ao nosso, e fazer do pensar e sentir da França o nosso proprio sentir, em politica como em litteratura, em usos e costumes como na sciencia, como nas artes, deixámos impassiveis que nacionaes e estrangeiros viessem admirar, ao cabo de mais de setenta annos, as profanadoras mutilações feitas pela França no tumulo do heroe de Aljubarrota!

Póde-se, porventura, ser mais amavel, e ao mesmo tempo mais consequente e logico?

Foi verdadeiramente para nos habilitar, a nós os contemporaneos das obsequiosas attenções da França, succedaneas dos grandes feitos de seus soldados, pela BATALHA attestados, e não para o que nos teem ensinado até agora as chronicas e as historias, que D. João I, segundo as phrases do elegante escriptor dominico, «chamou de longes terras os mais celebres architectos, que «se sabião»; foi para isto verdadeiramente que elle «con-

«vocou de todas as partes officiaes de cantaria destros,
«e sabios, convidando a huns com honras, a outros com
«grossos partidos, e a outros obrigou com tudo junto.»

A BATALHA de hoje,—quem o não verá, ex.^mo^ sr.?
—é o transumpto, sem nenhuma duvida, do reservado pensamento do Mestre de Aviz. Aquelles que teem o mau séstro, que por ahi restam ainda, de se não conformarem com esse pensamento, batalhando porque se apague da epiderme do rugoso monumento a *marca de fabrica* da civilisação franceza, introdusida em Portugal pelos soldados de Junot e de Massena, andam seriamente arriscados a ver-se levar aos tribunaes por algum sollicito defensor da integridade da industria parisiense, que ahi appareça, a pedir a sua condemnação como suspeitos de quererem encampar ao governo, e virtualmente a v. ex.^a^, distincto ministro do commercio, alguma imitação fraudulenta d'essas *marcas* tanto para zelar...

VI

Que me amostro insensatamente hostil á França? Que venho impolitica e intempestivamente relembrar factos que andam já esquecidos, ou que, por mostra de boas e amigaveis relações, cumpre não recordar? E tudo isto a proposito, por fim de contas, de um edificio que está longe de Lisboa, e que, por isso, nem ao menos presta para que se lhe aproveite a ruina, convertendo-o em um amplo botequim de geropigas litterarias francezas, que se sirvam ao estragado paladar do publico, soffrivelmente mascavadas de mão portuguez?!

Não creio, ex.^mo^ sr., que a obscuridade do meu nada e as pobres rasões de que elle se lembrou para vir aqui pugnar pela integridade do primeiro monumento de Portugal, hajam de merecer a ninguem reparos, contestações, analyses, que em vez de entregarem esta Memoria á indifferença que certamente merece, não decerto pelo seu objecto, mas pelo theor, lhe dariam uma

importancia a que ella é a primeira a se não sentir com direito.

Se alguem houver, comtudo, ahi, que olhando antes á bondade das intenções e á excellencia da propria causa, caridosamente me quizer advertir de que ao cabo do caminho que eu encetei está cavado o abysmo do mais monumental ridiculo que ainda se deu aos homens em espectaculo; pedir-lhe-hei queira advertir que não é da influencia d'essa França, patria de Montaigne, d'essa França que se orgulha de Pascal e que viu nascer Descartes, que eu me dôo; que não é da França, honesta, trabalhadora, liberal e infeliz tambem, da França verdadeiramente illustrada e conciliadora, que eu me temo. Que não é realmente d'essa França que eu anathematiso a insensata influencia no animo dos que precisam de ir buscar as inspirações e o segredo de serem admirados, louvados e laureados ás distantes margens do Sena.

Se eu nutrisse o insensato proposito de pretender malquistar com o meu paiz a França, que no pleno goso do seu direito trabalha e diligenceia honradamente, legitimamente, ver o fructo d'esse trabalho sustentar os seus filhos e opulentar a sua riqueza, não especularia menos generosamente com os vestigios das suas fraquezas, expondo-se implacaveis para o seu perdão, redivivos no inventario tristissimo da destruição e da desgraça por todo o sólo de Portugal causadas pelas suas armas!

Tão pouco recorreria, ex.^{mo} sr., á lembrança de episodios que não vão longe, para concitar contra ella o fel mirrhador de uma nacionalidade offendida!

Se eu me limitasse a pretender alcançar esse triste resultado com as minhas objurgatorias e declamações, seria tão digno de severa reprovação, como só merecedoras de desprezo as más paixões que eu teria querido acordar no animo irreflectido das multidões apaixonadas.

Mas não, ex.^{mo} sr., eu nem sequer penso, não no odio popular, fermento impotente de represalias tão crueis, ás vezes, quanto merecidas, mas n'essa surda má vontade, a que os grandes revezes nacionaes podem ser causa, que nasce do conhecimento pratico e da apreciação exacta dos motivos d'ella. Essa má vontade

é, por isso mesmo, tanto mais persistente quanto é raciocinadora, e ainda que sopitada nas mal extinctas cinzas de uma resignação forçada, reviveria, até certo ponto com fundamentos mais que justos, ao sopro tenaz e persistente de uma vontade que se applicasse a manter com exito contra a França as pouco benevolas disposições da *opinião publica*.

Se eu quizesse chegar a isso, ex.mo sr., dedicar-me-hia, nos raros ocios de obrigações inolvidaveis, a escrever o primeiro capitulo só, — que esse só bastava — da historia da nossa Industria. Conduziria os interessados até ás origens do nosso atraso e — o que é mais lastimavel — da nossa miseria industrial, e mostrar-lhes-hia de lá onde nasceu a causa d'esta hesitação fatal para o nosso exito na vida moderna, que nos traz desde então inexplicavelmente perplexos ácerca de qual seja realmente, das duas aptidões capitaes de um paiz—a agricultura e a industria, — aquella que Portugal se mostra mais apto a exercer. Mostrar-lhes-hia como, suffocado violentamente o movimento industrial portuguez, pelo lastimoso estado a que as suas debeis tentativas de estabelecer-se no campo da industria ficaram reduzidas pela invasão franceza, começou de lançar raizes na opinião ess'outra idéa exclusiva de que Portugal só pela agricultura poderia ter alentos (*).

Tornar-lhes-hia, emfim, patentes as nocivas consequencias que de tal opinião dimanaram, apontando-lhes

---

(*) Em um livro escripto em francez, publicado sob os auspicios do nosso governo e destinado, segundo entendo, a instruir os visitantes da exposição universal de Vienna (1873) ácerca da situação politica, financeira, industrial e commercial do reino, lê-se o seguinte periodo, que é, aliás, a expressão de um convencimento sublimado entre nós ao estado de axioma :

«Il faut bien se pénétrer d'une vérité fondamentale. Le Portugal ne sera jamais une nation essentiellement manufacturière; l'agriculture doit être sa véritable industrie, la seule qui est destinée à l'enrichir, et à lui faire oublier ses revers.»

Le Portugal, *etc. par Alphonse de Figueiredo, consul de première classe à New-Castle.*

Se isto é certo, dado o que por ahi temos ultimamente ouvido, está-se a agricultura regalando n'este momento de mistificar o paiz muito a seu belprazer...

para uma agricultura que protesta definhar-se clamando pelo soccorro de protecções pautaes, em côro com uma industria que declara terminantemente não poder viver, se lhe não acodem identicas panacéas.

Estes sim, que são motivos para indicar ao justo ressentimento da opinião com o fim—cuido eu bem plausivel—de minorar a generosa impetuosidade de francelhos enthusiasmos, mais fogosos do que reflectidos, mais deslumbrados por miragens, do que profundamente conhecedores dos interesses patrios.

Eu, porém, ex.^mo^ sr., cuido que melhor do que tudo isso, mais avisado, mais prudente e mais *practico*, sobretudo, visto que é esse o mote da nossa epocha, seria o applicar-se quem tenha influencia legitima nos destinos da nação, quem disponha de auctoridade bastante para se fazer ouvir com fructo, a persuadir ás forças vivas d'ella, a todos aquelles que a podem fazer progredir, pelos seus capitaes, pela sua intelligencia e pelo seu trabalho, que é da iniciativa individual, incessante e tenaz, mas sóbretudo independente e *sinceramente* exercida, que Portugal póde esperar vêr com fructo aproveitado o modêlo da França, trabalhadora, activa e intelligentemente conhecedora do que lhe convem. Applicando esse modêlo, á agricultura e á industria portuguezas por procéssos racionaes, que nasçam consentaneos com o nosso meio social e physiologico, vel-os-hemos vingar livres do perigo do insucésso, que é o mais certo exicio das imitações mal escolhidas e mal applicadas.

VII

Ex.^{mo} sr.:—Graças á machina de vapor, que breve sibilará por bem perto da BATALHA, este grandioso monumento nacional vae approximar-se sensivelmente de Lisboa. A rapidez encurta as distancias, diz-se. Que esse asserto aproveite efficazmente á futura sorte do venerando Convento e suas dependencias. Que os poderes publicos se lembrem de desmentir, em nome da nação cuja são administradores, as asserções talvez em demasia amargas que esta Memoria contém.

O distincto deputado a quem no começo d'esta Memoria me referi, lembrando a necessidade de começar-se por uma vez a olhar sériamente pela conservação dos nossos monumentos, opinou pela creação de uma commissão de Monumentos Historicos, composta, á semelhança da que existe em França, de homens competentes que dirigissem as restaurações d'esses monumentos com zelo e conhecimento de causa.—Provo que não estou tão mal com a França como se poderia erradamente inferir do que deixei dito, acceitando, n'este caso, o exemplo d'esse paiz.

Eu quizera que os meus compatriotas tivessem o discernimento de extremar o que dos exemplos da França se póde e deve aproveitar, e o que ha que regeitar-se-lhe. O facto contra o qual me insurjo com o apoucado senso que Deus me deu, e tambem com toda a energia de que poderei ser susceptivel, é o sermos nós mais propensos a copiar sem criterio os defeitos da França, do que promptos em honrar, imitando-as, as suas qualidades. Porque havemos nós, na verdade, apreciar mais as secreções da vida moral d'esse povo, do que as luminosas manifestações da sua portentosa intelligencia? Pobre enthusiasmo este nosso, que não é capaz de nos incutir desejos de proceder como procede a França, quando ella procede bem!

O inquerito que ouso pedir a v. ex.ª para o estado em que se acha presentemente o MOSTEIRO DA BATALHA póde muito bem ser a base installadora d'essa commissão de que o sr. Augusto Fuschini tão avisadamente lembrou a necessidade e a conveniencia.

V. ex.ª me perdoará ainda, se ouso discordar n'este ponto das affirmações de v. ex.ª, expressas na sua resposta ao digno deputado por Vizeu. Creio que a commissão de que se trata se póde realmente fundar, se á sua organisação presidir um sincero desejo de proceder com proveito para os fins que hão de ser objecto dos trabalhos d'ella. Do mesmo modo que acredito haverem ainda ahi architectos capazes de fechar as *Capellas Imperfeitas*, ligando-as ao mesmo tempo á Capella-mór do velho templo, tambem creio que se póde apurar entre os homens sinceramente estudiosos de Portugal um nucleo bastante importante e respeitavel pelos seus conhecimentos, para que o governo haja de confiar-lhe as funcções consultivas e deliberativas de que a commissão dos Monumentos Nacionaes deve ser revestida.

A meu juizo, os architectos n'essa commissão serão os *membros executores* dos planos que ella lhes discutir e lhes approvar, commettendo-lhes por fim o encargo de os porem por obra. A difficuldade, pois, a que v. ex.ª se referiu, não está precisamente na falta de architectos. A estes, na verdade, é applicavel o juiso do velho Quintiliano a respeito dos oradores. Os architectos *fazem-se*. E fazem-se pelo só e unico systema que o nosso Camões aconselhava a el-rei D. Sebastião para ter vassallos excellentes:

«Todos favorecei em seus officios
«Segundo teem das vidas o talento.

Os architectos, assim como os artistas em geral, estimulam-se com premios e distincções. (*) A'quelles que

---

(*) Assim o entendeu egualmente a actual Camara Municipal de Lisboa, e por isso approvou a proposta que lhe foi feita pela sua benemerita commissão executiva, com a adhesão de muitos outros conselheiros municipaes, para a creação, entre outros, de tres premios annuaes, destinados *«ás tres melhores producções architectonicas, para construcções publicas ou particulares que devam ser realisadas.»*

Esta proposta foi apresentada e *unanimemente* approvada em sessão de 17 de novembro de 1886. O relatorio que antecede esse documento merece ser lido por todos os homens de gosto, sinceramente desejosos de ver a sua terra collocar-se de nivel com o geral progresso.

mais promettem fazem-se-lhes partidos que os ponham ao abrigo das necessidades imperiosas da existencia, e os deixem applicar a um só grandioso objecto a habilidade e o talento que são obrigados a vender mercenariamente a centos de indifferentes ao seu verdadeiro prestimo. E' porém mister que a quem quizer ser architecto se facilite, antes de mais nada, o que deve constituir o seu principal estudo;— o conhecimento profundo das mathematicas, a familiaridade com o calculo, applicado á utilisação dos materiaes. Riscar é facil. Aos architectos que não conheçam nem leis do calculo nem regras de proporção, ha de succeder-lhes sempre o que acontece aos pintores que, por se terem esquecido de aprender solidamente perspectiva, esmagam os personagens dos seus quadros com as paredes dos aposentos onde os representam;— esses architectos nunca farão senão *Torres dos Jeronymos*.

E porque vem de molde, confessal-o-hei, por mais que isso me custe:— não posso deixar de dissintir da opinião de v. ex.ª, quanto á restauração do mosteiro de Belem, se é certo haver-se v. ex.ª expressado pela fórma que o resumido extracto que tenho presente declara.

Se v. ex.ª quiz dizer que a reedificação do edificio onde se acha estabelecida a Casa Pia foi infeliz, não disconvenho, comquanto não fosse de modo algum por falta de architectos portuguezes, que estivessem ou viessem a estar no caso de emprehender a obra, que ella foi entregue a um *pintor scenographo francez*.

Quanto ás restaurações emprehendidas no templo e claustro do mosteiro manuelino, tenho por difficil que se façam algures com mais consciencia e conhecimento do que cumpria, zêlo e economia maiores, do que as executou ali a paciencia e gosto do sr. engenheiro Manoel Raymundo Valladas.

Por voltar á constituição da commissão de que se trata, ponderarei respeitosamente a v. ex.ª que não é ainda a difficuldade de a organisar com pessoas doutas nas materias de que ella tem que occupar-se, e idoneas portanto no conselho, que ha de impedir v. ex.ª de fazer mais esse relevante serviço ao seu paiz, organisando-a e fazendo-a decretar. Insistir n'essa asserção, seria fazer uma injuria gravissima a tantos ta-

lentos que, ainda que modesta, mas não menos brilhantemente, teem tanto a miudo publicamente provado serem assás competentes para tão honroso quanto patriotico encargo. Demais, em que situação ficariam collocadas a nossa Academia das Sciencias, as escolas das Bellas Artes de Lisboa e Porto, e a nobre corporação, emfim, da Engenheria militar e civil, se tivessemos de nos convencer da impossibilidade de formar, recorrendo a esses Institutos, uma commissão tal qual se necessita para o caso subjeito?

Essa commissão, pois, é possivel, e ha de fundar-se com proveito, quando os governos do paiz reconhecerem que os trabalhos d'ella, para serem viaveis, carecem de ter no orçamento geral do estado consignada tal verba que lhes permitta resolver com confiança as despezas que hão de ser consequencia das suas deliberações.

Emquanto, porém, não chegamos a esse *desideratum*, que o provado patriotismo de v. ex.ª lhe prepare os elementos de futura existencia. Nomeie-se a commissão de inquerito ao Monumento Nacional da Batalha, commettendo-se-lhe ao mesmo tempo o encargo de estudar os meios de acudir a outros não menos dignos da contemplação dos poderes publicos, e da sua sollicitude, e não menos tambem carecidos d'ella pelo seu estado de ruina, e por outras causas que um inquerito geral revelaria certamente ao paiz.

Procedendo-se d'este modo, fio que alguma vez, por auspiciosa excepção, fariamos alguma cousa digna da França, d'entre tantas que lhe temos imitado que ella bem desejaria nunca ter praticado.

VIII

Ha quasi cincoenta annos, um homem que a nação portugueza teve a suprema ventura, posto que ainda hoje a não aprecie perfeitamente, de ter tido por compatriota, escrevia em defesa dos Monumentos Patrios as seguintes considerações:

«Calculae quantos viajantes terão atravessado Por«tugal n'este seculo. Decerto que não vieram cá para «correrem nas nossas commodas diligencias pelas nos«sas bellas estradas, ou navegarem nos nossos rapidos «vapores pelos nossos amplos canaes; decerto que não «vieram para aprenderem a agricultar com os nossos «agricultores, nem a fabricar com os nossos fabrican«tes, mas para admirarem os mosteiros da Batalha, de «Alcobaça e de Belem, a Sé Velha de Coimbra, a Ca«thedral, a egreja de S. Francisco e o templo romano «de Evora, a matriz de Caminha e a collegiada de Gui«marães, os castellos da Feira e de Almourol, e emfim, «tantas obras primas de architectura que encerra este «cantinho do mundo.»

Herculano addusia este raciocinio para mostrar que esses monumentos eram causa de ficar em mãos portuguezas todo o ouro que os estrangeiros dispendiam para os vir vêr, e que por isso, longe de se abandonarem por improductivos, cumpria conserval-os e estimal-os como fontes de bem estar para a nação que os possuia.

Hoje, ex.^mo^ sr., a maior parte d'esses monumentos pódem ser visitados com uma commodidade que a finissima ironia do auctor dos *Monumentos Patrios* já, felizmente, não alcança. A locomotiva conduz facilmente perto de quasi todos esses monumentos e de outros muitos quantos estrangeiros os querem ver e admirar.

Vão felizmente longe os tempos ominosos que viram o conde de Raczinski fazer aquella arriscada e tra-

balhosa viagem de Vizeu, de que elle nos deixou a noticia, para ir examinar na cathedral d'essa cidade os quadros do Grão Vasco. As nossas estradas já não são precisamente o que foi a que Herculano fez talhar a machado nas densidades do mato, quando trouxe de Santo Thyrso para o Porto alguns dos quadros d'aquelle mosteiro.

Pois bem, ex.^{mo} sr., continuaremos nós a deixar que os cabidos, ou quem quer que superintende na fabrica das cathedraes das nossas provincias não cessem de *limpar* as cantarias das suas naves, *caiando-as*, como succede, que eu visse, em Evora e em Vizeu?

Consentiremos nós por muito tempo ainda que os conegos continuem os frades, e que as emplastragens, os remendos, os *arranjos*, emfim, para imaginadas melhorias continuem a pungir as faces dos nossos monumentos religiosos, como nos pungem com a vergonha de tantas barbaridades e desacertos as nossas proprias faces? E' certo que as ruinas dos nossos castellos hão-de ainda, como ninguem parece duvidal-o, continuar a ministrar aos alveneis do burgo o material de que os proprietarios da terra precisam para se constituirem taes, como succedeu em Leiria, Alvito, e que sei eu?

E, n'este caso, essas linhas ferreas que tão rapida quanto facilmente hoje conduzem tanta gente illustrada de fóra do paiz até junto dos mosteiros, dos paços, dos castellos, de todos quantos repositores da Arte antiga o paiz encerra; essas linhas ferreas hão de continuar a contribuir com a sua vertiginosa prestesa para que lá fóra se espalhe, com rapidez egual, a fama d'este furor com que, quando não imitâmos as incongruencias francezas,nos deitâmos a secundar o desolador proceder dos vandalos?

Não, ex.^{mo} sr., firmemente creio que v. ex.^{a} está destinado a pôr cobro a tanto desatino, tanto dislate e incuria.

Breve augmentará, porcerto, a romaria de visitantes, tanto nacionaes como estrangeiros, ao nosso primeiro Monumento. Operará esse progresso o vapor, que vae levar a luz, a vida os commodos e confortos d'ella a uma das regiões mais notaveis do paiz e mais ricas

de deleitosas diversões. Não consinta v. ex.ª que os visitantes da BATALHA continuem a ser testemunhas do nosso fatal desleixo, não permitta o seu nobre patriotismo que elles distingam n'essas pedras venerandas, impiedosamente feridas pela desgraça—que tão pequenos nos fez, havendo-nos dado tamanha alma!—os caracteres salientes da mesma decadencia que primeiro abateu Carthago e arrebatou depois a Roma a dominação do universo! Activem-se e concluam-se as restaurações do Grande Monumento da nacionalidade portugueza com o primor que elle merece, e com a intelligencia precisa para provar ao mundo que em Portugal se sabe tambem acatar, como cumpre ás nações onde a civilisação é luz e o progresso é norte, o grande foral da Arte—o respeito pela Arte que passou!

V. ex.ª, que é homem do seu tempo, e tão capaz de se deixar penetrar pela poesia dos grandes actos, como é digno, pelo seu caracter, todo energia e vontade, de presidir á transformação porque vão passar as condições materiaes da nossa actividade social, não ha de deixar, decerto, escapar o ensejo de reunir mais esse florão aos que enaltecem já a firme e resoluta administração do seu ministerio.

Quanto a mim, em cujo entendimento se não fez nunca a luz ardente que anima á ambição dos grandes casos, posto que por isso me não sinta menos amigo, sem saber sêl-o, do «ninho meu paterno;» quanto a mim, ex.mo sr., como hei de consolar-me a mim proprio pela minha confessada nullidade, quando, ao declinar de meus esmorecidos dias, a perspectiva já bem distincta do coval obscuro me puzer nos esmorecidos labios um suspiro de pesar por tanta inutilidade consumida?

Não será porventura digna compensação a tão mal empregado sopro de vida, qual por ahi demonstro em mim trazer, o pensar, n'esse meu descolorido occaso, que alguma vez, por excepção a meu esteril cogitar, tive parte, ainda mesmo ignota, em uma das mais patrioticas resoluções de v. ex.ª?

Que v. ex.ª perdôe, por amor do seu objecto, as demasias d'esta ambição, se o é, e assim tambem os desrespeitos d'esta Memoria, não cuidados, certamente, mas acaso escapos a uma penna pouco afeita a cortezãos estylos.

Eis o que sinceramente agradece desde já a v. ex.ª

Julho, 1887.

UM PORTUGUEZ OBSCURO.

CONFORME o auctor obscuro d'esta Memoria n'ella refere, visitara elle a BATALHA em julho de 1876. D'essa visita resultaram as observações que vão lêr-se, e que então foram publicadas em uma folha da capital, conjunctas com outras, suscitadas no aprazivel discorrer de uma digressão, que tres dias santos seguidos n'esse mez facilitaram.

Quasi simples apontamentos ao correr da penna, deixal-as-ia o seu auctor ficar, a essas observações, perdidas no esquecimento que lhes cabe, se, tentado agora pela opportunidade com que lhe parece farão adequado complemento á presente Memoria, elle se não resolvera a relembral-as, levado da mesma esperança que o atreveu a fazer-se uma vez auctor, ainda que anonymo, n'este modestissimo folheto.

Assim pudessem estas observações e o brado que ellas acompanham lisonjeiar-se de subir até onde está quem tem o direito de julgar umas e outras; satisfazendo-as, se sensatas, ou condemnando-as a benevolente olvido, se de tal só forem dignas.

Eram as seguintes as observações que a visita de 1876 ao Convento da Batalha suscitára ao auctor d'esta Memoria:

«..

«Ao Convento da Batalha está succedendo o que aconteceu á náo de Nelson, que os inglezes conservavam no porto de Plymouth.

O tempo tinha-a tomado á sua conta e ia-a desmantellando, mas os compatriotas do grande almirante não descançavam. Rombo feito, rombo concertado, verga partida, verga substituida. Chegou por fim um dia em que da náo onde morrêra tão gloriosamente o heróe de Trafalgar só restava o nome.—Os inglezes tinham conseguido fazer aos bocados uma náo inteiramente nova.

Quando chegámos ao atrio do Convento encontrámos dois canteiros occupados em concertar o lado esquerdo do magestoso portico.

Os seis apostolos correspondentes a este lado estão guardados na Capella do Fundador, e provavelmente terão de ser substituidos, bem como um ou outro do lado direito, por novas esculpturas.

Tendo a agulha da torre do relogio sido destruida por um raio foi reedificada desde a base, em 1856.

Do mesmo modo, teem sido remendados ou feitos inteiramente de novo varios outros accessorios do edificio, taes como as bases das columnas da igreja, partidas pelas ferraduras dos cavallos do exercito francez e ainda outros pontos por onde a coronha das suas espingardas deixou vandalicos vestigios.

Assim, os homens e os tempos vão ajudando com estas reconstrucções e substituições fatalmente necessarias, a lenta transformação de um Monumento a tantos respeitos digno da cuidadosa vigilancia do sentimento patrio, que tem no Convento da Batalha o seu maior padrão.

Por fortuna, ao revez do que quasi sempre succede, estes reparos, justiça é confessal-o, fazem-se com a maior consciencia. No segundo claustro, onde se acha estabelecida a officina de canteiros, tivemos occasião de comparar algumas amostras dos trabalhos modernos que ali se apresentam, em confronto com os que são desti-

nados a substituir, e observámos com prazer que os modernos lavores saem triumphantes da comparação, justamente porque imitam com a mais rigorosa fidelidade os originaes.

Não tivemos occasião de informar-nos se os capiteis substituidos, as estatuas e todas as pedras lavradas que pódem ser arrancadas do seu alveolo em termos de, ainda gastas, se poder formar ideia do que foram, são ou não guardadas. Parece-nos que o deveriam ser, e assim, em uma especie de museu estabelecido em qualquer das officinas d'aquelle vasto edificio se poderiam ainda venerar aquellas particulas da primitiva construcção. Gastas pelos seculos ou truncadas pelo vandalismo, não podendo já figurar no seu proprio logar, receberiam assim a ultima homenagem a que por certo teem direito.

No patim da escada exterior d'uma casa que no largo defronta com a porta travessa da igreja vimos nós um capitel de columna servindo de tamborete. Quernos parecer que aquelle pedaço de pedra, assim afeiçoado, anda um tanto erradio do sitio para onde foi destinado. Que ás figuras do apostolado que houverem de ser substituidas não aconteça perecer de todo esmigalhadas nos entulhos do Convento.

E já agora permitta-se-nos expôr aqui a impressão um tanto desagradavel, confessamol-o, que nos causou o systema que preside aos concertos constantes que se fazem n'aquelle grandioso Monumento.

Pareceu-nos que havendo de reparar miudamente o edificio, se devera começar pelos objectos que no seu recinto mais se particularisam.

Pois não terá já havido occasião, ao tempo que ali existe um partido permanente de operarios com seu chefe, de restaurar convenientemente o mausoleu do inclito Fundador?

Pois não parece de dever que se tratasse primeiro que tudo de remediar as mutilações que a passagem dos francezes deixou tristemente assignaladas na sepultura d'aquelle rei, que se não foram as gloriosas memorias que de si deixou a esta nação de ingratos, devia esperar tivessemos ao menos com o seu tumulo as attenções que se devem a quem é ali mais que nenhum o

dono da casa? Para que está lá junto áquelle mausoleu essa escada de madeira? Para que os visitantes possam, subindo-a, verificar o vergonhoso estado em que se acha o cuverculo d'aquelle tumulo?

E não haveria já occasião de remediar as torpes mutilações do sepulchro do rei D. Duarte e de sua mulher a rainha D. Leonor, monumento que pela sua collocação tanto as expõe á vista publica?

Tambem notámos que no mausoléo do conde de Miranda falta o escudo de armas e a corôa ducal que rematava o monumento, e de que o patriarcha S. Luiz dá noticia.

Não indagámos a causa d'essa falta, seja porém qual fôr, cumpre que se reponha esse remate cuja ausencia não póde ser attribuida á deploravel origem de todos aquelles vandalismos. (1)

Outra particularidade nos prendeu a attenção, que não deve ficar sem reparo: — é a falta de limpeza que se nota na igreja, alliada a um certo mau gosto, resto de herança fradesca.

Convimos em que haja falta de pessoal, mas não poderiam os empregados encarregados de mostrar o edificio occupar as horas de ócio que terão porventura em cuidar da limpeza e asseio do recinto sagrado? A proscripção da poeira e das teias de aranha é uma condição essencial de conservação. A presença d'estes dois inimigos do asseio é um signal pouco abonatorio de cuidado aos olhos de quem vem de fóra.

Depois, a que vem uma suja e velha sanefa cramezi pendurada no interior de uma das capellas lateraes, á parte do Evangelho? A que veem aquelles ridiculos frontaes da Capella do Fundador?

Porque se não ha-de banir de uma vez para sempre esse detestavel costume que transigindo com a falta de gosto nos torna insensivelmente cumplices de tanto desacerto artistico? E aquelle camarim do altar-mór! (2) Mas por Deus! remedeie-se tudo aquillo de um modo

---

(1) Este mausoléo é obra do cardeal D. Luiz de Sousa, fallecido em 1702, e filho do magnate que o tumulo encerra.

(2) Veja-se a *Nota* final.

condigno com a magestade do edificio! E não esqueça gravar no tumulo do infante D. Henrique o dia, mez e anno do seu fallecimento, conforme vem na Memoria de S. Luiz, preenchendo-se assim uma lacuna egual á que se nota na sepultura do mestre Matheus Fernandes, á entrada da porta principal, em respeito á data do fallecimento de sua mulher Isabel Guilherme, provavelmente, como diz a nota da Memoria precitada, porque não teve ella quem lhe sollicitasse essa memoria depois de fallecida.

Feitos os precedentes reparos, que esperâmos sejam tomados, se lograrem ser lidos, por mero desejo de ver condignamente conservado um monumento que ainda causa, para o analysar, o encommodo de alguns centenares de estrangeiros, ousamos pedir a quem superintende n'aquelle edificio queira passar ordens terminantes aos encarregados de o mostrar, afim de que estes não consintam, sob pena de expulsão, se tanto fôr preciso, que pessoa alguma se permitta de escrever seja o que fôr, nas suas cantarias.

E' revoltante, com effeito, o furor epigraphico que contagia os visitantes da Batalha!

A stulta vaidade de deixar ali o seu nome escripto a lapis quem de outro modo provavelmente o não tornaria jámais conhecido, nada a contem, a nada attende. Nem delicadeza, nem gosto, nem respeito, por aquellas pedras. Nada!... E' atroz!—A mania chega á profanação.

Desde o tampo das toucas dos bustos em relevo inteiro d'el-rei D. Duarte e de sua mulher D. Leonor, collocados sobre a caixa de marmore que encerra as suas cinzas, e que corta ao centro os degráos do sopedaneo do altar mór, até ao interior da torre do relogio; por toda a parte o lapis fez seu officio, e os nomes de milhares de cidadãos de Lisboa, Porto e não sei de onde mais ali se encarregaram de levar á posteridade, com a gloria d'el-rei D. João I, a noticia d'estes preclarissimos varões, que de outra guisa jámais sahiriam dos cadernos do recenseamento.

Haja em sitio proprio um bufete condigno; haja tinteiro e livro decentes para a assignatura dos visitan-

tes, tirem d'ali o livro e tinteiro que lá estão, que talvez o mercieiro da terra desdenhe de os ter na loja, e ponha-se cobro por uma vez á mania epigraphica que ataca o publico no interior d'aquelle Monumento, com escandalo da simples razão intuitiva que manda respeitar a casa alheia, e do manual da civilidade, que nos ordena sejamos limpos n'ella.......... ....
....»

Julho, 1876.

NOTA

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, que em 1865 se occupara d'este Monumento nas paginas do Archivo Pittoresco, já fizera notar a mutilação que os frades, com o camarim ou tabernaculo a que no texto nos referimos, inflingiram ao admiravel systema de vidraças do fundo da Capella-mór, bem como censurára com toda a razão varios outros dispauterios n'este Monumento praticados pela *arte* dos sobreditos frades.

O que, porém, nos admirou sempre, e ainda admira, agora que o illustre Academico deu nova impressão em volume separado *(Castro & Irmão editor, 1886)* a todos os seus conceituosissimos artigos, não só ácerca da Batalha, como a respeito de muitos outros Monumentos Nacionaes, é o silencio que s. ex.ª guardou, tanto então, como agora, a respeito das graves mutilações que se observam no cuverculo do tumulo do Fundador. Nem percebemos como poude s. ex.ª auctorisar a que no texto do seu artigo ácerca da *Capella do Fundador* se estampasse uma gravura em que se pretende representar os bustos do rei D. João e da rainha D. Filippa intactos e sem signal algum das violencias e profanações de que ainda hoje, cremos, se mostram inermes testemunhas.

E' verdade que essa gravura se apresenta exactamente conforme com a descripção que s. ex.ª nos dá da parte superior do régio mausoleu. Se, porém, confrontamos essa descripção com a que o illustre Academico nos faz da postura em que se acham as estatuas de D. Duarte e D. Leonor, nos degraus do altar mór, temos de concluir que essa descripção, inteiramente a mesma quando se trata do cuverculo do mausoléo do Fundador, salva a variedade das expressões e verdadeira, quanto ás estatuas a que se refere; *é puramente inductiva* quando se applica ás estatuas de D. João I e de sua mulher, D. Filippa. Com effeito, como poude o sr. Vilhena Barbosa vêr, senão por inducção, que D. João I trave com a mão direita da dextra da rainha, quando, o braço a que essa mão devia de pertencer está decepado ?!

O que nos parece dever inferir d'esta, á primeira vista, singular desharmonia entre a triste verdade e a descripção do competentissimo escriptor a quem nos referimos, e a quem tributamos o respeito a que a licção dos seus escriptos obriga, não menos do que a noticia das suas qualidades e caracter, é que faltando a s. ex.ª o animo para arcar com a cruel necessidade de nos revellar que as horrorosas mutilações do tumulo do heroe de Aljubarrota ainda agora se acham por disfarçar, e obedecendo s. ex.ª ao generoso conselho de seus intimos sentimentos, preferiu por melhor poupar, ao compor a descripção d'esta parte importante da capella do Fundador, aos leitores dos seus excellentes artigos o rubor da vergonha que a tantos d'elles lhes tingiria as faces, lendo a confissão de que houve n'esta terra quem soffresse que, setenta annos após os francezes, se conservasse ainda a effige do Mestre de Avis tão horrivelmente mutilada como elles a deixaram, e decepado o marmoreo braço, imagem d'aquelle que tantos inimigos da Patria tivera o poder de enviar á Morte!

Em todo o caso, digâmos sempre: *Amicus Plato, sed magis amica veritas......*